

O FILHO ABANDONADO: A CIRCULAÇÃO DE CRIANÇAS NA FAMÍLIA

JANNEFRANCE GONÇALVES DA COSTA

UFCG

Graduanda

Abandono, infância e família

jannefrance@bol.com.br

O processo de ressignificação da infância é recente. Em meados do século XIX, é que essa reinvenção começa a se constituir como objeto de estudo e interesses específicos de médicos, religiosos e educadores, mesmo assim, a idéia moderna de infância, a partir de então, gestada, será difundida, principalmente, entre as famílias burguesas: idéias sobre cuidados e deveres morais e religiosos para educar o corpo e a mente dos menores. Assim, nem todas as crianças gozaram de cuidados familiares e sentimentos específicos da infância, tendo em vista que a criança pobre continuou sendo excluída do ideal de infância moderna.

O tema (abandono de crianças) é recorrente do ponto de vista histórico, mas não historiográfico. Em épocas seculares, nas instituições oficiais, existiam as Casas de Misericórdias gestadas para amparar a criança abandonada e pobre no Brasil colônia, lá funcionava “a roda dos expostos”. Não raro, foi subsidiada insuficientemente pelos poderes públicos, pois não conseguiram atender todas as crianças, nem satisfatoriamente as que eram abandonadas.

O número de crianças abandonadas era superior às assistidas e insuficientes e precárias eram as condições de cuidado. As “rodas”, nesse contexto, foram inventadas também devido ao número elevado de recém-nascidos encontrados mortos, jogados no lixo, devorados por animais, deixados para morrerem de fome e frio. Contudo, a maioria das crianças abandonadas, no Brasil, não foi desamparada apenas nas rodas, mas ao longo do caminho e em casas de pessoas simples e mais velhas. Em grande parte, o que caracterizou o abandono nesse período foi a ilegitimidade das crianças, filhos de mulheres, geralmente jovens, que ficavam grávidas sem estarem legalmente casadas.

A igreja a seu serviço e a serviço do Estado gestou mecanismos, enaltecendo o valor moral do matrimônio, dentro de uma lógica patriarcal do feminino, inserida no universo doméstico e no cuidado dos filhos, enquanto os homens deveriam prover a segurança financeira do lar, atuando no espaço público, no ideal da família de elite. Em contrapartida, as mulheres pobres,

cuja maternidade não foi desejada, fruto de relações pré-matrimoniais e/ou estupros, foram amplamente marginalizadas, contradizendo-se os padrões estabelecidos no universo materno social e cristão. Enfrentavam, geralmente, as dificuldades e as angústias da gravidez, abandonada pela família e pelo companheiro, culminando, assim, no abandono de seus filhos¹.

Só recentemente, em 1950, a última roda deixou de funcionar no Brasil. O abandono, a exploração e a exclusão da criança pobre, porém transcorrem banalizados socialmente. Hoje, muitas crianças são abandonadas por seus pais biológicos e suas avós e bisavós, comovidas com os dramas dessas crianças, tomam para si a responsabilidade de cuidar dos netos e bisnetos. Em algumas das famílias entrevistadas, são recorrentes, nos depoimentos, as crianças terem sido abandonadas ainda recém-nascidas. São filhos de pais bastante jovens, com pouca escolaridade, protagonistas de relacionamentos instáveis, sobrevivendo de trabalhos temporários ou de benefícios do governo (bolsa família/bolsa escola) ou ainda de atividades marginais, como prostituição e tráfico de drogas.

A transfiguração dos valores atribuídos à infância moderna, atualmente, se configura num fenômeno que perpassa por todas as categorias sociais. No final do século XX, a supressão gradativa da importância da infância é perceptível nas análises de Ariès, segundo Corazza². As crianças já não seriam bem-vindas nem adoradas, já não eram creditados amor incondicional, nem esperanças idealizadas, assim, percebe-se que na medida em que a modernidade inventa a infância, também gesta mecanismos e instituições que demarcam início e término da infantilidade. “Não é de espantar que o infantil venha sendo, há séculos, adultizado, justamente pelo tipo de subjetivação que lhe objetivou como um sujeito carente, primitivo, secundário, incompetente, ignorante, incapaz, irracional, amoral.”³

Na contemporaneidade ocidental vivemos a aparente crise do sentimento de infância dos adultos? Não sabemos mais como garantir aos menores a memória de nossas infâncias? Na modelagem hipermoderna socioeconômica capitalista as crianças não são bem-vindas, a não ser como pequenos consumidores “além de estarmos vivendo em uma sociedade em que o projeto de emancipação do indivíduo democrático, deteriorou as relações hierárquicas entre adultos e crianças, vendo cada vez mais na criança um adulto em miniatura”⁴. Neste contexto, gerando crianças mais autônomas e mais solitárias, “o adulto precoce mutila a sociedade inteira, mata o sonho e a esperança e antecipa cruelmente o futuro como momento de carência e brutalidade sem remédio”⁵.

O sentimento e o amor dedicado às crianças, até então, estão mudando na contemporaneidade ocidental. Assim, nos deparamos com alguns questionamentos, como: Há uma inversão dos papéis, onde adultos se vestem de crianças, enquanto as crianças se vestem de adultos? Nos relacionamentos atuais, as crianças não constituem mais um dos principais desejos dos adultos?. A solidão infantil presentificada em seu cotidiano adultiza a criança que, desamparada, tem de se tornar autônoma bem mais cedo, passando desde a instabilidade das formações familiares, a ausência dos pais, por estarem no trabalho ou em atividades e prazeres pessoais.

As crianças também são abandonadas por pais que não se vêem mais identificados com os papéis maternos e paternos, fazendo com que a criança não constitua um dos fundamentos da família hipermoderna. A falência desses papéis gera o sentimento de desidentificação. As crianças, desse modo, são amparadas através dos elos geracionais de solidariedade que transpassam as relações familiares matrifocais e/ou ampliadas, presentes no cotidiano das famílias pesquisadas. Nesse contexto, as avós e bisavós se constituem como as herdeiras dos valores e identidades familiares, através dos ideais de maternidade, cuidado e segurança.

A mudança do sentimento de infância no mundo ocidental não se configura apenas num paradigma familiar, mas de toda uma crise dos projetos modernos, "que torna a vida de milhares de crianças brasileiras infâncias desperdiçadas, infâncias perdidas, expropriadas da própria possibilidade de futuro"⁶. A banalização e a naturalidade com que é comumente percebido o abandono infantil, fomenta a exclusão social e a marginalidade, condenando crianças pobres a uma vida de supressão e negação. Será a legião de gerações destituídas da possibilidade de um futuro digno? O processo de desintegração da infância moderna perpassa o universo de crianças pertencentes a todas as categorias sociais, de modos diferentes, os infantes "carecem de infância, pois nelas já foi produzido à força o adulto precoce, a vítima precoce, o réu precoce"⁷.

Segundo Zygmunt Bauman⁸, as relações sociais e familiares na contemporaneidade são mais frágeis e flexíveis. Atualmente, não sabemos como garantir a ilusão e o ideal romântico da permanência e da segurança sócio-afetivas, desfazendo os vínculos velozmente. Os laços sentimentais são frouxamente atados para serem desfeitos sem grandes investimentos afetivos. Para Bauman⁹, os homens e as mulheres contemporâneos foram abandonados aos seus próprios sentimentos e prazeres, negatizando as responsabilidades e as possíveis amarguras dos relacionamentos em "longo prazo".

Mesmo assim insistimos e vivemos sob o signo da idealização cristã do amor materno na hipermodernidade? Os sentimentos atribuídos ao “mito do amor materno” resistem às mutações sócio-culturais na contemporaneidade? Ou também foram abaladas pelas líquidas mudanças modernas?

Alguns desses questionamentos foram suscitados à medida que mergulhamos nas experiências de vida pesquisadas e analisadas sob o olhar das avós e bisavós, cuidadoras dos netos e bisnetos, de como elas percebem o abandono das crianças por seus pais biológicos e como vivenciam cotidianamente o processo de ressignificação do estarem juntos na família, adotando socialmente e afetivamente outros papéis.

Dessa forma, investigamos, desde 2003, os idosos(as) cuidadores (as) dos netos e bisnetos, em bairros periféricos da cidade de Campina Grande, como: Pedregal, Bodocongó, José Pinheiro, Malvinas e Liberdade. Na pesquisa quantitativa, nas diversas escolas localizadas nos bairros acima citados, constatamos que possuíam um número elevado de alunos cuidados e providos financeiramente por idosos, o que nos conduziu à pesquisa qualitativa nas residências dos idosos que se dispuseram a colaborar com o estudo, contando suas histórias de vida e esquadrinhando as diferentes faces da infância, maternidade e velhice geracional cartografadas nas famílias paraibanas.

Para além da perspectiva naturalizada sobre o amor materno, Elisabeth Badintier¹⁰ afirma que não há uma universalidade sócio-cultural sobre uma conduta materna, mas uma variabilidade desse sentimento, construído historicamente, “como tal incerto, frágil e imperfeito”. Desse modo, um sentimento não partilhado por todas as mulheres. Em nossa sociedade, o desinteresse da mulher pelo filho é considerado um “pecado” e um crime inexplicável, apesar de não configurar nenhuma novidade. Mesmo assim, o tema é tratado como sagrado, dificultando questionamentos e debates sobre a problemática do “amor materno” na contemporaneidade. “A moral, os valores sociais, ou religiosos, podem ser incitadores tão poderosos quanto o desejo da mãe”¹¹.

Ainda hoje, para muitas pessoas, é angustiante pensar que uma mulher não ame um filho, ao ponto de abandoná-lo, se configurando numa perspectiva perturbadora. Repensar algo tão enraizado é tocar nas feridas e lembranças familiares não tão agradáveis, é caminhar sob o terreno movediço cotidiano das dores obscurecidas por crenças e esgarçadas pelo tempo. É nesse palco, e com o propósito de desnaturalizar a imagem de mãe que são encenados, sob a forma de dores, amores e perdão, que exploramos o poder ressignificador de cada história de vida, colhida nas falas das avós e bisavós cuidadoras de netos e bisnetos, entrevistadas durante a nossa pesquisa.

A mística do compromisso e da estabilidade familiar moderna são arquétipos desfigurados na contemporaneidade e não servem como parâmetros de reconhecimento e pertencimento no mundo, assim, a orfandade geracional desestabilizou os frágeis alicerces das pontes emocionais, da idéia de abrigo e segurança que comumente era atribuída ao espaço familiar, se configurando numa polifonia de membros consangüíneos, onde todos se queixam, mas não se ouvem, onde todos debatem, mas não se compreendem.

A família não constitui o papel de ponto de reconhecimento e enraizamento, mas num ponto de rápida passagem. Paradoxalmente, apesar da crescente longevidade familiar de seus membros nos dias atuais, os fragmentos familiares vivem mais sozinhos e abandonados. “Com a nova fragilidade das estruturas familiares, com a expectativa de vida de muitas famílias sendo mais curta do que a de seus membros”¹².

As mudanças radicais dos papéis sociais contemporâneos que se encontram cada vez mais fragmentados e, muitas vezes, conflitantes, é marca mutante da própria complexidade da vida. Sennet, citado por Lipovetsky¹³, afirma que, ao analisar o universo operário em meados do século XIX, no EUA, constatou casos de famílias de pais dóceis, enquanto as mulheres operárias ou/e esposas, assumiam papéis mais agressivos, administrando o orçamento financeiro que, muitas vezes, era entregue pelo marido integralmente a elas.

Essa mulher se constituirá como personagem cada vez mais comum no cenário público e privado, personificando cada vez mais uma figura autoritária e castradora, em detrimento do declínio da autoridade paterna. “O recuo da família patriarcal começou sua trajetória no próprio interior do modelo que afirma o homem como único senhor e provedor do lar”. Lipovetsky¹⁴. O que percebemos, atualmente, é justamente a indefinição quanto aos papéis sociais na família, os conflitos de poder muito mais individualizados. O caos e a desordem social, que são percebidos nas relações conjugais, reforçam a idéia de conflitos de poder, de acordo com os interesses de cada um: sejam os gastos financeiros ou a responsabilidade de cuidar dos filhos, no universo financeiro do hiperconsumo quase tudo é negociável.

Enfim, mesmo com a perceptível fluidez dos papéis familiares pesquisados, recai ainda sobre o universo feminino a maior responsabilidade e culpabilidade pelo abandono do universo doméstico. O feminino que se recusa a assumir tais papéis socialmente, na cultura ocidental, é excluído e marginalizado. Esses personagens do submundo caracterizam o estranho, o de fora, o que não queremos ver nem ouvir, os “bárbaros” hipermodernos, os refugos e nichos humanos. “A

dinâmica igualitária conseguiu desqualificar a associação do homem com a autoridade, mas não chegou a arruinar a associação das mulheres com as responsabilidades domésticas”¹⁵.

NOTAS

¹ DEL PRIORE, M. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006, p. 48

² CORAZZA, S. M. Infância E Educação: Era Uma Vez... Quer Que Conte Outra Vez? São Paulo: Vozes, 2002, p.

³ Idem, *ibidem*, p.198.

⁴ Idem, *ibidem*, p. 120

⁵ Idem, *ibidem*, p. 5

⁶ Idem, *ibidem*, p. 198

⁷ Idem, *ibidem*, p. 128

⁸ BAUMAN, Z. Amor Líquido: Sobre a Fragilidade do Laços Humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004, p

⁹ Idem, *ibidem*, p.

¹⁰ BADINTER, Elisabeth: Um Amor conquistado: O Mito do Amor Materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p.

¹¹ Idem, *ibidem*, p.17

¹² BAUMAN, Z. Op. Cit., p.59

¹³ LIPOVETSKY, Gilles. A terceira mulher: Permanência e Revolução do Feminino. São Paulo: Companhia das Letras. 1997, p.246

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 247

¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 250

